

Helem Rosana de Barros Mendes



**PRESERVAÇÃO E EXPRESSÃO DOS ELEMENTOS DE CRIAÇÃO COLETIVA NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS**

Belo Horizonte
2014

Helem Rosana de Barros Mendes

**PRESERVAÇÃO E EXPRESSÃO DOS ELEMENTOS DE CRIAÇÃO COLETIVA NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

BELO HORIZONTE
2014

Mendes, Helem Rosana de Barros, 1960.

Preservação e expressão dos elementos de criação coletiva no processo ensino aprendizagem em Artes Visuais: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Helem Rosana de Barros Mendes – 2014. 40 f.

Orientador (a): Fabiana De Lucca Munaier

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Munaier, Fabiana De Lucca. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

HELEM ROSANA DE BARROS MENDES

PRESERVAÇÃO E EXPRESSÃO DOS ELEMENTOS DE CRIAÇÃO COLETIVA NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

Fabiana De Lucca Munaier – EBA/UFMG

Kleumanery Melo Barboza - EBA/UFMG

BELO HORIZONTE
2014

Dedicar é presentear!

Então eu presenteio, aos meus pais *in memoriam e coração*, por presentearem-me, a vida, e por alimentarem-me com o alimento do espírito, a Arte.

O meu companheiro de jornada, o Poeta e artista visual DaKosta Kemerich, pela presença constante, por ensinar-me a respeitar o ritmo natural interior que reside em mim. Pelas discussões, aprofundamentos nas leituras, por contrapor pontos de vista, por tudo que compartilhou e contribui para meu crescimento, enfim... pelo amor.

Ao meu filho Raphael, com o qual tenho aprendido a “abraçar” os sonhos.

Ao meu filho Bernardo, com o qual sigo aprendendo o quanto o amor é um fluxo contínuo.

Às minhas amadíssimas netas, Ana Beatriz e Ághata, por renovar o fluxo vital, no constante da alegria. Ao Caio por complementar esta alegria.

Aos meus irmãos e sobrinhos pelo amor que tenho por vocês.

AGRADECIMENTOS

Fazer um curso à distância requer um esforço triplicado quando esta extensão é realmente significativa. Estou localizada a aproximadamente 700 km do polo, mas confesso que sentirei saudades, desde já, de todos que encontrei neste percurso.

O mínimo, ou quase nada que posso fazer, e sei, será muito pouco, é agradecer.

Então, agradeço a todas as monitoras, sempre prestes a ajudar-me, principalmente, em minhas limitações com o computador.

Aos professores, que, embora virtualmente, souberam conduzir este ensino.

Aos colegas, pela companhia, fazendo reforçar o quanto o humano ainda é toque, é presença, é carinho. Aos caronistas de plantão. À coordenadora do Polo, por seu “sorridente espírito”.

Meu agradecimento se estende aos alunos do Colégio Almirante Álvaro Alberto, em Paraty espaço no qual tenho aprendido, para além do ensino/aprendizagem, o exercício de ser humano.

“... o que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afetos. [...] A obra de arte é um ser sensação, e nada mais: ela existe em si”.

Gilles Deleuze

RESUMO

Este texto traz reflexões sobre a preservação e expressão enquanto elementos de criação coletiva resultantes das aulas de Artes Visuais. A discussão é pautada nas possibilidades de preservação das imagens do processo criativo, tendo o Livro de artista como objeto final, e a autonomia expressiva colaborativa, tendo a Instalação enquanto proposição expressiva, ambos visando uma proposta de criação coletiva no Ensino das Artes Visuais. O objetivo é levantar críticas, reflexões e ações que possam ampliar noções e conceitos sobre Arte como área de conhecimento, estimular a capacidade criativa e expressiva, e, sobretudo, propor posturas solidárias, cooperativas, colaborativas e pessoais no contexto da criação coletiva em Artes. O método utilizado foi a pesquisa de campo nas aulas regulares de Artes Visuais, em que os educandos foram levados a experimentar e refletir acerca da sua capacidade em criar imagens, abolindo os padrões midiáticos, tanto quanto pensar e experimentar meios expressivos contemporâneos, como as Instalações. Durante as aulas as apreciações de reproduções de obras conceituadas, tanto quanto de produções pessoais (do professor), bem como explanações sobre princípios teóricos, foram algumas das ações de desenvolvimento baseado na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que levaram os educandos a apreciar, contextualizar e praticar os processos criativos. O material foi coletado e organizado, e no caso das instalações, estas foram registradas em fotografias. A criação do Livro de Artista foi decidida como possibilidade de preservar os desenhos e usá-los, como material de apoio, em aulas de Artes Visuais.

Palavras-chave: Artes Visuais. Preservação. Expressão. Criação Coletiva. Ensino e Aprendizagem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Exercício de criatividade partindo de uma linha	19
FIGURA 2 – Livro: Abstrato & Figurativo.....	19
FIGURA 3 – Franz Krajcberg e obras	24
FIGURA 4 – 1ª parte da Instalação	33
FIGURA 5 – 2ª parte da Instalação.....	34
FIGURA 6 – 3ª parte da Instalação.....	34
FIGURA 7 – Instalação: “Arfogoterragua: vida”	35
FIGURA 8 – Instalação: “sempre-viva: memória”	36
FIGURA 9 – Livros de artistas	37

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
Introdução.....	11
1. Criatividade, expressão e preservação: presenças no processo criativo.....	14
1.1 – Do ato de pensar imagens	15
1.2 – Do ato de se fazer expressivo	17
1.3 – Do ato de guardar.....	20
2. Metodologia	22
2.1 – Sensibilização dos alunos	27
2.2 – Proposta de tema: natureza, arte indígena, abstrato e figurativo	28
3. Desafios: substratos para novas atitudes	30
3.1 – O inútil como visibilidade estética.....	32
3.2 – Dando forma à criação: das instalações aos livros de artista	33
Considerações Finais	38
REFERÊNCIAS	40

Introdução

Em quatro anos de magistério pude observar, em meio às diversificadas propostas de experimentações visuais, quais as modalidades expressivas que melhor a maioria dos alunos se propunha a desempenhar. Dessa forma, escolhi relatar neste estudo, aquelas que, por suas adaptações, tanto à estrutura da escola, quanto pelo envolvimento dos educandos, pude obter melhores resultados do ponto de vista estético/artístico, assim como também, das atribuições concernentes às habilidades e competências dos alunos no tocante ao comprometimento com a experimentação em Artes Visuais.

Em se tratando de educação pública, inúmeros são os meios e recursos que necessitamos criar no cotidiano, buscando propiciar ao educando instrumentos que farão uso no percurso do aprendizado em Artes Visuais. Os materiais são poucos e os elementos conteudísticos que trazem consigo são escassos. Uma bagagem pouco volumosa para dar conta de um processo voluptuoso em termos criativos/expressivos, cabendo ao professor levar ao ambiente escolar, tanto materiais, quanto elementos e propostas, buscando assim, junto com os educandos, compartilhar ideias.

Partindo de muita observação acerca das limitações e desafios ao longo deste percurso, pude perceber que o desenho era o que tornariam as aulas de artes visuais mais ativas e menos impotentes. Indagações povoavam o meu pensar quando me via, quem sabe inconsciente, optando pelo mais fácil. Mas a facilidade só se apresentava em relação ao material, papel ofício e lápis de cor, pois todo o resto era mais desafiador. Uma limitação imagética, uma criatividade embotada, a baixa autoestima assinalando um “não saber”. Uma não vontade de aprender. Um olhar de lado, como que colando a prova, cola-se, também, a imagem e surgem os “desenhos gêmeos”.

Diante desses apontamentos este trabalho se justifica a partir do pressuposto de que as aulas de artes são muitas vezes relegadas para segundo plano, e dessa forma menos necessária na formação do ser humano. Pensemos que, esse tipo de pensamento permeia, não somente o universo do educando como também, de professores, diretores e funcionários, infelizmente, com raras exceções. Em meio à um cotidiano repleto de limitações, faz-se necessário transmutá-los. Assim, a essência da problemática levanta o seguinte questionamento: É possível expressar-se e resguardar os elementos da criação

coletiva produzidos nas aulas de Artes Visuais na esfera da educação pública?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o desempenho do educando, frente ao que lhe é oferecido ou não pela instituição pública, no tocante às aulas de Artes Visuais. Já os objetivos específicos são mostrar as possibilidades de elaborar experimentações artísticas na prática cotidiana e propor métodos de salvaguarda dos desenhos produzidos pelos educandos, como também sinalizar para processos expressivos, criados de forma colaborativa. Enfim, serão considerados através desta pesquisa, as possibilidades de expressão, tanto quanto a preservação, de expressões significativas como os desenhos realizados por educandos de 6º e 7º anos do ensino fundamental público.

A principal fundamentação teórica utilizada neste trabalho foi o ponto de vista da artista e educadora Fayga Ostrower. Também subsidiaram as bases da pesquisa, Herbert Read, em Educação pela Arte; Rudolf Arheim, Arte e a psicologia da visão criadora; Ana Mae Barbosa, Inquietações e mudanças no ensino de Artes (Org.); Le Goff, História e memória.

A metodologia se pautou pela pesquisa exploratória através do trabalho de campo realizado em uma escola pública. As atividades foram realizadas nos 6º e 7º anos, no Colégio Estadual Almirante Álvaro Alberto, situado em Paraty-RJ, entre 2011 e 2012. Por meio da seleção de desenhos, criação de livros e instalações, o contexto da escola foi relatado e as possibilidades de expor e preservar as produções dos educandos no ensino público foram analisadas.

No capítulo 1, a fim de proporcionar o embasamento teórico da pesquisa, fora tratado a presença da criatividade, expressão e preservação no processo criativo, enquanto dimensões do ato de pensar imagens, ato de se fazer expressivo e por último do ato de guardar.

A estrutura do capítulo 2 é baseada na metodologia e se compõe do recorte da pesquisa empírica e da apresentação de dados para a sua realização.

O capítulo 3 aborda uma reflexão mais profunda sobre os desafios como substrato para novas atitudes, assim como a experiência prática das atividades coletivas propostas.

Em seguida o trabalho apresenta uma discussão com as considerações finais abordando,

de forma reflexiva ações que possam desencadear melhores condições na estrutura escolar propiciando um desempenho de boa qualidade no processo de ensino/aprendizagem em artes visuais, por fim disponibiliza as referências utilizadas no decorrer da pesquisa.

1. Criatividade, expressão e preservação: presenças no processo criativo

Inumeráveis são os elementos constantes em um processo de ensino e aprendizagem em Arte. Portanto, é necessário esclarecer que, por tratarmos de uma metodologia de caráter coletivo, a expressão “ensino/aprendizagem” se fará presente neste estudo, como locução a designar, tanto o ensino quanto o aprendido. Nesse sentido, o envolvimento de cada participante, seja ele o educando ou o educador, suplanta os descaminhos trilhados no campo da educação pública.

Uma proposta de caráter coletivo requer abertura daquele que ensina, para também se fazer aprendiz. Aprende-se com as sugestões dos educandos, quando os mesmos interrogam; e a sinceridade do não saber, move o educador a investigar. Aprendi, e aprendo muito ao dar aulas. A Arte alimenta-se de saberes e inutilidades, ao coletivizar, somam-se possibilidades de suplantar os descaminhos apresentados pela escola pública, como também pelo excesso do lixo imagético que a cultura de massa, exaustivamente, expõe a este educando.

Assim, ao pensarmos a criatividade, é importante ressaltar que, uma exposição exacerbada a conteúdos repetitivos, resulta em possibilidades de cópias destas mesmas imagens armazenadas mentalmente, criando um círculo vicioso daquilo que se visualiza diariamente. Necessário então se faz que o educando se alimente de novas e variadas imagens para se fazer mais perceptivo e criativo em seu processo. Também se faz necessário propostas que impulsionem o educando a exercitar sua capacidade criativa muitas vezes embotada, pelo usufruto da imagem pronta.

A escassez dos estímulos, desde a mais tenra infância, aliada ao prolongamento da exposição diária à televisão, são fatores inibidores da expressão artística. As atividades práticas foram dando lugar a um processo passivo diante da televisão. Pensemos, por exemplo, que a imensa maioria das pessoas, ao longo de seu desenvolvimento vai abandonando a prática de desenhar, um exercício que iniciamos com as garatujas, e que segue esmaecendo-se, quando outras atividades vão tomando espaço. Neste aspecto, o educando aqui tratado, sempre diz não saber desenhar, mas até mesmo quando lhes é proposto outras atividades como cantar, ou mesmo, criar uma coreografia, é perceptível suas limitações expressivas. Eles se mostram extremamente envergonhados ou imitativos.

Os desenhos se fazem muito presentes na escola devido a facilidade do material, apenas papel e lápis, e a possibilidade de deixá-los no armário do professor, no qual não é possível deixar pinturas, nem argilas, por exemplo. Mas, devolvê-los, depois de prontos, aos seus donos, seria vê-los destruídos. Assim, quando o resultado surpreendeu, preservá-los tornou-se um ato colaborativo, surgindo, então, os Livros de Artista(s).

Foi assim, de forma colaborativa, selecionando e pensando seu formato, que criamos o primeiro livro, buscando preservar os desenhos livres e as reinterpretações criados no bimestre em que o conteúdo proposto fora a Arte Indígena. No ano seguinte, devido à repercussão positiva da primeira experiência, repetimos o feito com outra turma, quando o conteúdo proposto fora o abstrato e o figurativo nas artes visuais.

No caso das Instalações, uma caminhada na área externa da escola, a observação, tanto do espaço, quanto da natureza-morta, ali presente, se ofertando como material, bem como o interesse demonstrado pela maioria da turma, foi um prenúncio de que neste processo, se fariam mais atuantes e expressivos.

1.1 Do ato de pensar imagens

Buscando elementos no âmbito da criatividade, nós educadores lidamos com um público embotado pela saturação da imagem, que gera um percurso repetitivo da expressão imagética. Como aponta a autora Maria Heloísa, tais influências acabam induzindo a uma leitura equivocada, que traz conseqüentemente, citações, clichês e imagens emprestadas, esvaziadas de espontaneidade. Para ela:

A utilização de estereótipos, a imitação e a cópia são frequentes, e uma das principais dificuldades com as quais se defrontam os métodos de “expressão livre” está precisamente na amplitude e na profundidade do condicionamento ao qual a criança está submetida. (Mèredieu *apud* Ferraz, 1974, p.45).

Nesse sentido, as aulas de Artes Visuais devem oferecer meios e exercícios de estímulo à criatividade, propondo conscientizar o educando de sua própria capacidade expressiva, de sua própria força criativa. É necessário estimulá-lo a ser o criador e não o “copiador” de imagens já antes criadas, porém respeitando influências e “apropriações”, como reza a cartilha da arte contemporânea. Importante esclarecer que, ao falar em “apropriar”, não queremos dizer “copiar”, mas subentende-se a prática de reelaboração, a possibilidade de

recriar, redizer o que já fora dito. Enfim, editar imageticamente. Para tanto se faz necessária a atenção do educador no momento de apresentar, aos educandos, imagens. Cláudia Zamboni esclarece que:

Considerando que as imagens constituem parte fundamental na alfabetização estética, fazendo-se presente no dia-a-dia de uma maneira muito mais intensa que do que em outros tempos, cabe definir quais imagens vão ser levadas para a sala de aula (...). O professor decide quais imagens farão parte do repertório merecedor da apreciação de seus alunos. Caberia então, ao professor a tarefa de estar sempre em contato com a produção de imagens do seu tempo e atento às imagens consumidas por seus alunos, resgatando na cultura da imagem o que é relevante para a formação do indivíduo. (Zamboni *apud* Pillar, 2003, p.73)

Ao pensarmos a imagem, na criação artística, consideramos o teatro, a dança, a música, a literatura, como fontes que participarão, em algum momento, daquilo que é proposto como criação. Nesse sentido, o teatro pode gerar uma imagem, a dança pode gerar uma imagem, a música pode gerar uma imagem, o texto pode gerar uma imagem, e até as próprias imagens podem gerar outra única imagem.

A viagem, o lugar, a paisagem, a comida, o lazer fixam imagens que se tornam conteúdo e alimento interior, que irão norteando o aluno durante o processo. Assim podemos perceber explicitamente, no desenvolvimento da atividade proposta, a que conteúdos cada aluno está exposto. Ou seja, se há uma exposição exacerbada à imagem televisiva, se é um aluno que tem estímulos a variadas atividades, qual o seu gosto musical, quantos livros pegou na biblioteca durante o ano, seus argumentos em uma conversa. Enfim, todas estas ações culturais estarão, certamente, traçadas em seu processo, seja no desenho, na pintura, na criação de um personagem, na reinterpretação de uma obra, na crítica a uma música, na sua compreensão ou no seu sentir a arte. No tocante às “imagens referenciais” Fayga Ostrower esclarece que:

Desde cedo, organizam-se em nossa mente certas imagens. Essas imagens representam disposições em que, aparentemente de um modo natural, os fenômenos parecem correlacionar-se em nossa experiência. Dissemos “aparentemente natural” porque desde o início interligamos as disposições que se formam com atributos qualitativos que lhes são estendidos pelo contexto cultural (...). É bem provável que, num contexto cultural que fosse predominantemente mágico, as elaborações subsequentes reiterassem aspectos mágicos (...). Mesmo assim, um indivíduo, cuja estrutura de personalidade seja a de um intelectual, possivelmente tenderia, em todas as culturas, a racionalizar o enfoque de sua experiência acima do comum a outros indivíduos menos intelectualizados. (OSTROWER, 2012, p. 60 e 61)

Tais imagens já se apresentam e nos sinalizam as imagens referenciais que cada um tem consigo. Assim, unindo o repertório que traz consigo, juntamente com sua vontade de expressar-se, estimulando no aluno o seu poder de criação, é que colocamos lado a lado as imagens, para que juntas, possam traduzir uma força expressiva coletiva. Uma expressividade notável quando colocamos, também, lado a lado, cada aluno como um ser tão capaz quanto o outro de criar a força da expressão e preservá-la como uma vontade de realização.

1.2 Do ato de se fazer expressivo

Ao tratarmos do ensino de Artes Visuais no contexto da educação pública, necessitamos pensar no público-alvo acolhido por ela. A escola onde a pesquisa foi realizada, assim como a grande maioria das escolas públicas, possui alunos de variadas classes social, assim cada um traz consigo um repertório muito diferente do outro, em acordo, claro, com sua classe socioeconômica e com tudo aquilo que vivencia em seu cotidiano, assim, as “imagens referenciais”, tratadas por Ostrower, são aquelas que, sendo mais ou menos expressivas, mais ou menos coloridas, mais ou menos fiéis às propostas, mais ou menos centralizadas ou respeitando, proporções e espacialidades irão, conjuntamente, formar o todo. .

Trilhando este caminho é possível pensar no quão um ato criativo individualizado pode, junto a outro, tornar-se o todo da expressão artística no âmbito educacional. Conforme Read:

[...] o indivíduo será, inevitavelmente único, e essa singularidade, por ser algo que ninguém mais possui, será de valor para a comunidade. Ela pode ser uma maneira única de falar ou de sorrir → mas que contribui para a variedade da vida. Mas pode ser uma maneira única de ver, pensar, inventar, expressar a mente ou a emoção. (...) Mas a singularidade não tem nenhum valor prático quando isolada (...) a educação deve ser um processo não apenas de individualização, mas também de integração. (...) Na Arte, seu toque de cor contribui, por mais imperceptível que seja para a beleza da paisagem. (READ, 2001, p.6)

Desta forma, integrando singularidades, é possível vislumbrar uma educação estética que abra espaço para proposições criativas e que agreguem saberes variados tanto quanto possam fazer aproximar expressões culturais diferenciadas.

Criar é propor algo novo. E o novo surge da bagagem que o indivíduo carrega consigo e, partindo destes elementos, poderá repensar e propor de novo. Quanto mais elementos novos acrescentados na bagagem mais possibilidades encontrará para expressar-se em imagens.

Pensando assim, propor ao educando um tempo de criação, é fundamental para que exerça seu pensamento criativo, longe da imposição da imagem midiática, a qual convive cotidianamente. Necessário se faz, neste caso, mais que estimulá-lo, encorajá-lo, buscando conscientizá-lo de que este é o único momento do dia em que ele pode ser ele mesmo, o dono de sua própria criação. Neste momento, sinto com angústia, seu esforço e limitação. Surgem as imagens midiáticas, personagens saturados pela estandardização. Peço que criem algo diferente, um detalhe; o cabelo, os olhos, etc. Devagar vão entendendo o quanto estão sendo repetitivos, mas se conformam. Outros olham de lado e copiam do colega, eu digo: – desenhos gêmeos!

Por vezes, lanço mão de exercícios de imaginar, criar a imagem, mentalmente, por exemplo, para uma frase. Noutras descrevo uma obra, estimulando-os a criarem imagem da mesma, depois mostro e pergunto, foi assim, que pensou? Peço pra que cada um descreva os detalhes imaginados, assim vou explicando que cada pessoa tem uma maneira própria de se expressar.

Há um exercício interessante no qual já é perceptível maior liberdade e confiança; entrego uma folha com uma linha aleatória feita com a caneta e peço para criar uma imagem. A partir dela, surgem imagens incríveis. Neste caso, como as linhas se diferem, os desenhos também serão diferentes. Sendo a linha grande, a imagem se faz mais expressiva.

Figura 1- Exercício de criatividade partindo de uma linha dada – 6º ano



Fonte: Helem Mendes – Arquivo pessoal – 2011/12

Quando, num processo, trabalhamos com abstrato e figurativo propus que fizessem uma composição visual abstrata, – isto após abordado os contextos e realizado apreciações, – depois de realizada a tarefa, pedi que dessem um título à obra. Assim, a partir do título, fariam o correspondente figurativo.

Figura 2 - Livro: Abstrato & Figurativo/ 6º ano



Fonte: Helem Mendes - arquivo pessoal 2011/12/desenho de Juliana Kennup

Propondo a valorização dessas possibilidades é que conduzimos este estudo no âmbito do coletivo, processo que faz do educando o mestre, quando colaborativamente propõe

ou executa, ensinando aos outros. E também do educador, o ouvinte e observador atento, sempre pesquisador e finalizador do processo.

Portanto, foi desta troca, deste ensino/aprendizagem mútuo e colaborativo, que chegamos ao consenso da montagem dos “Livros de Artistas” e das instalações, duas expressões que se contrapõem: na primeira a ideia de preservação, o guardar. Na segunda, o efêmero, o findável, o momento, o instante, o não mais. Em ambas a experiência do expressar-se subjetivo, individual, para no conjunto, compor o objeto coletivo.

1.3 Do ato de guardar

Guardar. O humano guarda, salvaguarda, propondo, assim, manter o fluxo *continuum* da fruição do objeto de sua criação. Preserva para alimentar a memória, para entremear passados, presentes e resignificar futuros, desta forma os elementos resultantes do ato criativo de cada educando, configuram o patrimônio imagético, cultural, social e identitário deste grupo. Tais elementos, ao serem preservados, guardam significados e valores inerentes á realidade e ao momento de seus criadores, esta especificidade estético-expressiva preservada, apresenta-se como elemento norteador no fluxo da própria história humana, em que segundo Le Goff:

[...] o “moderno”, à beira do abismo do presente, volta-se para o passado. Se, por um lado, recusa o antigo, tende a refugiar-se na história. (...) Este período, que se diz e quer totalmente novo, deixa-se obcecar pelo passado: memória, história. (...) Santo Agostinho exprimiu, com profundidade, o sistema das três visões temporais ao dizer que só vivemos no presente, mas que este presente tem várias dimensões, “o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras” [Confessions, XI, 20-26], por assim dizer, guardar.

Os elementos constantes das aulas de artes aqui tratados, quais sejam, desenhos e instalações sendo “o presente das coisas presentes”; em seu aspecto de confecção, lidou com a memória, “o presente das coisas passadas”, a experiência, vivência e bagagem trazida pelos educandos, juntamente com o passado remoto dos temas tratados, como no caso dos temas indígenas; amalgamando o “presente das coisas futuras”, em possibilidades estético-expressivas, jamais antes vista ou sequer imaginada aos olhos desses meninos, na visualidade das Instalações, e até mesmo dos Livros de Artistas.

Guardou-se aí o presente, o momento das coisas presentes, as resultantes das experimentações criativas de um viver atual, bagagens diferentes, acumuladas de vivências diversas, um ato, uma ação, um pensamento, uma ideia, elementos que foram deformando, reformando e formando algumas possíveis estéticas na criação visual, neste exercício compusemos um coletivo, do coletivo ao expressivo, fora resgatado o presente das coisas passadas, para então, guardarmos, no exercício do partilhar, o presente das coisas futuras.

Do pouco em que se criou o muito, as Instalações, em sua efemeridade, se presentificaram. Os Livros persistem ilustrando possibilidades de fruição e alimentando a autoestima de tantos outros educandos que, ao apreciar os desenhos dos colegas, sabem-se também capazes.

Assim, passado/presente, vertem-se em futuro. Guardar é o caminho a seguir.

2. Metodologia

O Colégio Estadual Almirante Álvaro Alberto, localiza-se na Vila Residencial de Mambucaba. As casas do lugar são de uso dos funcionários da Eletronuclear, cujos filhos, estudam nas escolas particulares. Assim sendo, quase todos os alunos são provenientes do último bairro de Angra, o Parque Mambucaba.

A escola é bem localizada, com arborização e uma bela natureza, tendo à frente, o mar. A natureza exuberante que nos cerca, bem como os elementos oferecidos por ela, foram despertando-me por realizar uma atividade em que os alunos pudessem pensar sobre os tipos de materiais que podemos utilizar para fazer uma obra e sobre a relação entre o homem e a natureza, além da percepção do espaço onde vivem. Mas apesar da exuberante beleza natural que provoca o turismo, é a presença das usinas nucleares a maior geradora de emprego.

Entre os anos de 2011 e 2012, ministrando aulas de Artes Visuais para turmas de 6º e 7º anos, com uma média de 35 alunos por turma, fui percebendo que a grande maioria tinha bloqueios para se expressar artisticamente. Percebi isto, quando, numa festa da primavera, uma professora tentou a todo custo montar e ensaiar um coral. Era visível o acanhamento ao se apresentarem.

Como eram as minhas turmas, passei a prestar mais atenção, buscando encontrar onde residiam suas limitações, já que este obstáculo era perceptível, também, quando nas aulas de Artes Visuais se propunha a criação de imagens.

Quer fossem partindo de um texto lido, ou criar uma ilustração, como até mesmo ao exercitar a memória fotográfica, as imagens, em sua enorme maioria, eram repetições de imagens midiáticas, elementos que se repetiam entre os mesmos, e até o que denominei “desenhos gêmeos”, por não haver elemento repetitivo, mas por ser uma cópia do colega.

Decidi começar pelo estímulo criativo, buscando maneiras de fazê-los criar, mais que fazer reinterpretações de obras. Para isto, recriar um desenho de observação, criar a partir de uma ou duas linhas, sem referências a seguir, sem modelos exemplares. Depois tratava os temas e fazíamos apreciações de obras.

Numa das aulas, após devolver-lhes alguns trabalhos, observei que muitos fizeram

bolinhas, outros jogaram fora, outros rasgaram. Do meu ponto de vista de artista, foi algo extremamente negativo. Tais atitudes, que muito me atingiram, impulsionaram-me a pensar em reverter a situação.

Assim, muitas foram as indagações e reflexões. Conversamos, sobre o motivo destas condutas. Com base em suas respostas, fui pensando em como preservar, como guardar, como fazê-los perceber, a força e importância de sua expressividade, o quanto tem dele mesmo, não apenas no papel, ao desenhar, mas também, em ações colaborativas para que um processo coletivo possa se concretizar.

Em meio ao estabelecido, o menosprezo subjetivo por sua própria criação, os educandos alertaram para o fato de que seria necessário sensibilizá-los. Neste momento o primeiro Livro fora idealizado, ao percebermos a força expressiva dos desenhos, sua ótima qualidade no colorido, a criação e cuidado com formas e texturas nos elementos indígenas. Como, então, preservá-los seria o desafio.

Pensando em Livro de Artistas, na aula seguinte, trouxe algumas possibilidades destes livros, para apreciação dos educandos. Assim, superando a estranheza do objeto não familiar, compartilhamos o formato do livro.

No segundo “Livro de imagens: o figurativo e o abstrato”, a atividade teve início com definições, conceitos, indagações, de uma turma do sexto ano, sobre “figura e não figura”. Fizemos primeiro uma apreciação do início de Mondrian e suas árvores, sua figuração até o grau de abstração do que ele intitulou “Árvore”. Partindo daí, mais apreciações de figurativo, Tarsila, Anita Malfatti, Picasso, Van Gogh, e abstratos, Mondrian, Miró, Kandinsky, Pollock, entre outros artistas renomados.

E guardando conhecimentos, seguimos o caminho, colhendo desafios, possibilidades, formas, cores, gestos, atitudes e colaborações. A proposta era seguir criando, e em uma de nossas aulas, agora uma turma do 7ºano, decidimos observar as áreas externas da escola. Muito material natural se via espalhado por ali, cascas de árvores, pedrões de coqueiro, sementes, folhas secas, pisando a areia da praia, outras cascas de árvores com texturas diferentes, muitas e muitas conchas, a própria areia, galhos trazidos pelas águas da chuva, natureza, humanidade. E a pergunta vinda de um educando foi a chave, não para o Livro, mas para a Instalação: *podemos fazer arte com isto?* Sobre esse aspecto

Fayga nos diz que:

Formar importa em transformar. Todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação. Transformando-se, a matéria não é destituída de seu caráter. Pelo contrário, ela é mais diferenciada e, ao mesmo tempo, é definida como um modo de ser. Transformando-se e adquirindo forma nova, a matéria adquire unicidade e é reafirmada em sua essência. Ela se torna (...) matéria- e- forma, e nessa síntese entre o geral e o único é impregnada de significações. (OSTROWER, 2012, p. 51)

Ao final desta aula já havia pensado como começar e então, como tarefa de casa, fariam uma pesquisa sobre o artista Franz Krajcberg, sua obra e pensamento sobre a natureza e sua relação com ela. Na segunda aula, as pesquisas serviram de embasamento e discussões, e as reproduções para apreciação de suas obras. Junto com os alunos, analisamos o material e foi se desenhando a possibilidade de uma Instalação.

Há um distanciamento estético/artístico gerador do estranhamento quando o aluno utiliza suportes diferentes da tela para pintar, assim como, em suas brincadeiras-sérias, dizem conhecer instalação elétrica, hidráulica ou “de luz”. Esta é a realidade que os toca, que os cerca e cerceia. Conduzi-los ao mundo imaginário é parte do desafio de juntos, ressignificar o inútil da matéria.

Figura 3 – Franz Krajcberg e obras – montagem dos educandos



Fonte: a autora.

Com a riqueza de materiais naturais a nossa disposição, pensei em iniciarmos tratando questões sobre a natureza, o meio ambiente e a arte como expressão. Busquei então em Krajcberg duas forças: a militância e a estética. Cada aluno pesquisou e concluiu que neste caso era muito difícil separar uma coisa da outra, muito embora, o próprio Franz Krajcberg, se considere mais um militante, um defensor da natureza, do que um artista. Ainda assim, a força de sua militância se vê pulsante em cada obra.

Ao propor proximidade com o que viria a ser uma “Instalação”, partindo de um contexto artístico, os educandos apreciaram reproduções de algumas Instalações. Após as pesquisas, aproximações e conclusões, fizemos uma aula dedicada ao recolhimento, seleção e armazenamento de tudo que pudéssemos utilizar para criar uma Instalação, tendo a obra de Krajcberg como sinalizadora da criação estética. Esta primeira Instalação foi pensada também enquanto forma expressiva em que cada um teria oportunidade de se expressar, valorizando sua atuação colaborativa. Uma atividade onde todos pudessem de alguma forma participar, explicitando assim, uma experimentação em Artes Visuais concebida coletivamente.

Seguindo esta ideia, no ano seguinte realizamos a proposta, com o tema “Arte indígena”, desta vez com turmas de 7º ano. Iniciamos com a importância da cultura dos povos nativos para a formação da cultura brasileira e foram desenvolvidas algumas atividades de acordo com a identificação da maioria da turma às propostas. Assim, em turmas diferentes do 7º ano, foram trabalhados os significados das palavras, que deveriam ser apresentadas em forma de imagens, ou criando poemas e ilustrando-os. Também foi lida uma lenda para que fizessem uma ilustração, em outra turma os educandos propuseram fazer a pintura corporal em bonecos de plástico e também a arte plumária. Neste caso a escola forneceu o material necessário e a atividade foi realizada como proposta de criação coletiva.

Para outra turma, quis propor algo bem diferente, quem sabe o suporte, o material, pois já haviam criado desenhos e grafismos em papel. Foi concedido um intervalo de uma semana para que os grupos pensassem onde e como poderiam realizar os grafismos. Já havia pensado nos caixotes da frutaria, mas queria que partisse deles a descoberta, a tentativa do diferente, o que é desafiador para o educador, ante as limitações dos mesmos. Mas na semana seguinte, nenhuma solução, aliás, pelo contrário, várias

justificativas, o que já faz parte de seus repertórios; esquecimento, falta de tempo, entre outras. Justificativas, estas, que caracterizam uma apatia, demonstrando o quanto o educando, deste século, está passivo ao mundo que o cerca, o quanto o cotidiano da “resposta pronta” o tem feito esperar, inerte e sem ação, que outros façam por eles.

Óbvio que tais posturas em nada contribuem para o processo do aprendizado, da apreensão do conhecimento via experimentação. Outro fator desafiador é o tempo de estar com o educando, o qual não favorece a que possamos aguardar que os mesmos atendam às proposições num período em que estes pensem ser o apropriado. Neste sentido, algumas vezes, torna-se necessário, uma intervenção mais direta e decisória no processo, posto que estamos atrelados à prazos, e temos no procedimento de sensibilização um percurso mais lento, muito mais lento a percorrer, quando lidamos com o educando da escola pública.

Necessitamos levar em consideração que este educando, principalmente longe dos grandes centros, não tem nenhum contato direto com artes visuais. Ou seja, não é fruidor, sequer espectador. Quando na internet, não pesquisam artes visuais, nem mesmo ao ser pedido pelo professor. Ao lidar com esta realidade, muitas vezes, é necessário que, estando submetido a um cronograma, tenhamos que agir de forma a agilizar a ação, o que pode vir a encrudescer o processo do próprio educando.

Em meio a esta realidade desafiadora, muitas vezes limitadora, propus a eles: –*Caixotes! Vamos pintar os grafismos em caixotes.* – Caixote!!! Professora!?

Cada grupo ficou responsável por trazer o seu caixote de madeira, para a semana seguinte. Neste dia estudamos os grafismos, sua simbologia e identidade de um povo. E chegado o dia dos caixotes, dos seis ou sete grupos, apenas dois trouxeram o suporte. Imediatamente pedi que fossem até a frutaria pedir, ao dono, caixotes vazios.

Exercitar o olhar deve ser um fazer constante nas aulas de arte, propor desafios de percepção e estimular o contato com as estranhezas da matéria e suas possibilidades de “virar obras de arte”, são um conjunto de manifestações que podem aproximar o aluno de um mundo visual que se apresenta aos mesmos, ainda com tanta estranheza, posto que existe uma geração de alunos que, aos 10 anos de idade reconhecem como arte, ainda nos dias de hoje, apenas a pintura (o quadro) e o desenho. Para Rudolf Arnheim:

Raramente se nos apresenta um novo espécime que estejamos dispostos a aceitar como arte (...) todavia somos subjugados por um dilúvio de livros, artigos, dissertações, discursos, conferências, guias— todos prontos a nos dizer o que é e o que não é arte.(...) Somos herdeiros de uma situação cultural que, além de ser insatisfatória para a criação da arte, ainda encoraja o modo errado de considerá-la. Nossas experiências e ideias tendem a ser comuns mas não profundas, ou profundas mas não comuns. Temos negligenciado o dom de compreender as coisas através de nossos sentidos. Nossos olhos foram reduzidos a instrumentos para identificar e para medir; daí sofreremos de uma carência de ideias exprimíveis em imagens e de uma capacidade de descobrir significado no que vemos. (ARNHEIM, 2005).

Por isso, foi proposto inicialmente um processo de sensibilização que despertasse o interesse da importância da arte em si, assim como sua devida salvaguarda.

2.1 Sensibilização dos alunos

“Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la,
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar o que se quer guardar.”

(Antonio Cícero, 1997, pág. 337)

Guardar a imagem, tal qual menciona o poema, é compartilhá-la, deixá-la à mostra e à vista de quem quiser guardá-la. Assim, o livro de artista, no espaço da escola foi criado como objeto de arte em que se pudesse preservar para oferecer.

Oferecer à experimentação visual da imagem criada por cada educando que ousou criar, se expor e oferecer para o outro guardar. Não é necessário trancar, levar pra casa ou até

mesmo jogar na lixeira, como tantas vezes presenciei. Foi necessário conscientizá-los de que aquilo não era mais um simples papel em branco ou rabiscado, mas algo criado, imaginado, marcado por seu gesto, e tinha, agora, uma parte de si mesmo, e assim, seria necessário guardá-lo.

Mas este guardar foi me fazendo pensar na maneira de se guardar, já que para eles este fazer não se traduzia em ato nem matéria de valor algum. Talvez tocasse mais profundo em mim do que neles, o ato de embolar o papel e lançá-lo na lixeira, no chão ou no colega. Mas como guardar, então?

Como mostrá-los a importância de que outros pudessem, também, guardar? E como explicar, como estes outros iriam guardar aquilo que lhes pertencia sem retirá-lo deles?

O poema, citado acima, foi o elemento utilizado para fazer com que pensassem numa maneira de guardar tais imagens. A compreensão do mesmo foi nos conduzindo ao objeto que pudesse guardar, preservar e ao mesmo tempo compartilhar. Ao pensar a possibilidade do livro de poesia e de imagens, pensamos em livros diversos. O livro de carne, do artista Artur Barrio, fora citado e descrito como exemplo de livro-objeto, o livro-objeto “brincaixinha”, do poeta DaKosta Kemerich, feito com caixinhas de fósforos, fora apreciado, bem como, reproduções dos livros de memória da artista plástica Leila Danziger.

Ao escolher formas tão diversificadas de se criar um livro de arte, busquei apresentar-lhes a infinitude da criação estética. Partindo daí, tornou-se possível criar coletivamente os livros das imagens, para folhear e guardar, passar as páginas e surpreender-se com cores, formas, linhas, traços, pura expressividade humana. Neste caso o primeiro livro em questão foi o de Arte Indígena e no segundo, o efeito surpresa foi o elemento condutor da finalização do coletivo.

2.2 Proposta de tema: natureza , arte indígena e abstrato & figurativo

Nas Instalações o primeiro tema surgiu quando numa aula de observação do entorno, e dos materiais que víamos ao redor, fui pensando a relação do homem com a natureza, o meio ambiente, o espaço de vida do educando, e a curiosidade em relação ao material para fazer Arte.

Tudo isto trabalhado poderia ter numa Instalação, o elemento resultante da participação de cada um, posto que todos se propuseram a contribuir. Claro que alguns mais interessados que outros, mas pude observar que havia uma curiosidade em saber como aquilo poderia virar Arte. Em 2011 ainda não havia o currículo mínimo para a disciplina Artes, assim, relatei o meio ambiente à obra de Krajcberg.

O segundo tema surgiu partindo da primeira experiência, cujo resultado fora positivo, tanto do ponto de vista da estética, quanto da participação, empenho, interesse dos educandos. Em 2012 foi criado o currículo mínimo, e para o 7º ano, em um dos bimestres, dever-se-ia trabalhar, Arte e Cultura indígena. Foi então que, já com certa vivência, pensei de imediato na Instalação para uma das turmas. No caso anterior, o material levou à obra, neste, a ideia da obra já se instalara, o desafio seria concebê-la, pensar os materiais, passei a ideia aos alunos, que fora aceita, mas a dúvida sobre os materiais existia, pedi que fossem pensando. Com uma das turmas trabalhamos a pintura corporal indígena e a arte plumária em bonecos plásticos, estes fariam parte da Instalação, houve consenso entre as turmas.

Já nos Livros de Artistas, no mesmo período, porém com outra turma, de 7º ano, trabalhamos as lendas, pesquisa de palavras indígenas e o grafismo. O material imagético se fez realizar de maneira ricamente colorida e altamente expressiva. Fui juntando em minha casa os desenhos, e ao pensar em devolvê-los, buscava alguma possibilidade de ir além, temendo que virassem bolinhas de papel. Assim, decidimos experimentar a montagem de um livro. Um livro que pudesse, também, servir como material de apoio didático.

Com uma das turmas do 6º ano, neste mesmo ano de 2012, seria trabalhado seguindo o currículo mínimo, Arte abstrata e figurativa. Após contextualizar e apreciar, passamos à ação, criar. Criaram o abstrato, deram a ele um título, e partindo do título criaram o correspondente figurativo. Seleccionadas as imagens, todas muito expressivas, fora criado o segundo “Livro de artistas”: “Abstrato & figurativo”.

3. Desafios: substratos para novas atitudes

Os desafios são inúmeros no cotidiano, e pensá-los sob a forma, não de impedimento ou paralisação, mas de como realizar a partir das faltas, nos conduz a criar possibilidades com o possível. Assim, os livros surgiram como forma de preservar imagens. O que se estendeu como fator de estímulo a autoestima dos alunos. As Instalações como possibilidades de fazer acontecer com o que se tem, e não ser necessário guardar o objeto em si, mas o seu momento de existir como tal.

Do sexto ao sétimo ano, as maturidades mesclam-se. E no próprio traço é observável o empenho, gosto e dedicação, ou seu contrário. Há, por vezes, um esforço desmedido em sair do humano-palito, tanto quanto o comodismo em representá-lo, tal e qual. Nesta gama de esforços conjuntos pela força expressiva de cada aluno em integração com o professor, procura-se a junção de toda e qualquer possibilidade de contribuição de cada um e de todos capaz de dar forma a grande expressão. Após cada desenho realizado uma possibilidade expressiva surge e formas, cores, texturas se propagam em meio a criatividade diversas e lado a lado uma imagem dá força a outra.

Na primeira experimentação, a boa qualidade dos desenhos está atrelada a todo o processo do educando, e que me levou a pensar em como não guardá-los, como fazer com que a escola pudesse compartilhar de resultados tão significativos do ponto de vista do comprometimento dos educandos, e de como isto poderia trazer-lhes, um reconhecimento, por seus desempenhos, para além de um número no boletim.

Com o tema “Arte indígena” proposto no currículo, as ilustrações de lendas, poesia com palavras indígenas, imagens a partir de observação de elementos estéticos e reinterpretação de grafismos, pelo esmero resultante das imagens, feitas apenas com uso de papel, lápis de cor e canetas hidrocor, fizeram surgir o Livro.

Este foi exposto na “1ª Exposição de Arte em papel” organizada, na escola. Entre painéis, cordéis, instalações, livros, imagens tomavam paredes, chão e teto, a exposição fez parte do chá literário. O Livro ficara em exposição, e seus “artistas” recebendo elogios. Esta ação fez com que os alunos sentissem o retorno positivo de algo realizado por eles. Nesta mesma exposição, fora montada, também, ao redor de uma árvore, a Instalação “Sempreviva: memória”, onde se via além dos caixotes com grafismos pintados pelos

educandos, outros caixotes com nomes de povos nativos extintos.

A segunda experimentação para compor o Livro Abstrato & figurativo, teve início com a criação de uma imagem abstrata. Após seu término, iriam apreciá-la e dar-lhe um título, a partir desse título criariam o figurativo da imagem, teriam assim, um título duas obras.

O resultado foi tão gratificante que me peguei sem querer devolver os desenhos, já imaginando que os mesmos virariam bolinhas de papel ou para acertar no colega ou na lixeira. Neste momento ocorreu-me que, assim como fizera com os grafismos indígenas, poderia criar outro livro. Entramos em ação, no sentido de preservar e salvaguardar os elementos expressivos desta experimentação visual.

Nos dois casos o desafio foi preservar os elementos expressivos resultantes dos processos, salvaguardando-os da possibilidade de destruição. Mantê-los engavetados em casa ou na escola, não seria a melhor solução. Deveria, sim, ser compartilhado, para que todos que o vissem pudessem guardar, preparamos um lugar especial e o objeto-livro ficara em exposição para a fruição de toda a comunidade escolar. Fora comunicado aos educandos que havia um presente na biblioteca, não para tê-lo, mas um presente para guardar na memória e compartilhar, pois isto é Arte, e como tal necessita apreciação.

Aos poucos foram descobrindo o livro com suas imagens e cada dia tinha um elogio, dos próprios criadores, dos professores, dos outros educandos. Pude então perceber como alguns procedimentos transformam a relação do educando com seu processo na disciplina, tornando-os mais confiantes em sua prática, mais autônomos e autores.

Um expressivo número de educandos da escola pública passa boa parte do tempo expostos às imagens midiáticas. Enfim, permanecem por um grande período absorvendo imagens prontas, e não exercitam suas potencialidades criativas. Poucos pegam lápis e papéis para desenhar, por exemplo, e quando o fazem estão na fase da cópia, depois, por algum motivo, abandonam até mesmo esta fase. Assim, não modelam, não desenharam, não brincam com tintas, não cortam e recortam, não colam, enfim, não experimentam cotidianamente o processo de criação.

Tal exercício seria um desafio capaz de minimizar o estranhamento em relação à matéria com a qual podem, por si só, criar formas, ressignificando-as, retirando-as do seu

contexto de inutilidade para dar-lhes outra visibilidade estética. Tal exercício poderia se igualar ao tempo do videogame, da programação televisiva, do jogo de bola, e certamente, veríamos, nas aulas de Artes Visuais, processos mais fecundos de criatividade estética. Segundo Pain podemos então pensar que:

Uma folha de papel ou uma porção de cores ainda não é nada. É a criança que penetrando-a pelo gesto que deixa marcas, a cria e a transforma. É preciso vencer a matéria, fazer sair a forma a partir do amorfo, é preciso extrair um sentido daquilo que não tem nenhum. A folha branca, a terra bruta, representando ao mesmo tempo o vazio, a continuidade do nada e a totalidade do poder, isto é, a enorme dimensão do possível antes que o real não o toque. (Pain *apud* Pillar, 2003, p.192)

Este vácuo deixado pela não ação, pelo não acesso às variadas formas expressivas que se performatizam e se veem expostas mundo afora, engessam de alguma maneira, a percepção visual e estética da matéria e sua possibilidade de ressignificação pelo aluno.

3.1 O inútil como visibilidade estética

A natureza nos oferece materiais que sequer pensamos poder criar algo com eles. Ao observar as obras do artista Franz Krajcberg, aos olhos daqueles meninos se descortinava algo novo, as expressões eram as mais diversas, do belo ao curioso. Alguns diziam ser preciso muita criatividade, pois não saberiam fazer aquilo, não saberiam que com aquele material que viam todos os dias fosse possível fazer coisas tão lindas. E foi assim de conversa em conversa, de aula em aula, que fomos dando visibilidade ao inútil, naturalmente inútil, mas artisticamente estético.

A arte contemporânea se nutre da tecnologia, mas não só, busca e propõe caminhos expressivos em meio à sustentabilidade. Tais proposições amenizam as limitações apresentadas no cotidiano da escola pública, ao apresentar possibilidades de criação com aquilo que, aos olhos dos que não criam, é tratado de material inútil.

Os saberes e as inutilidades são o amálgama da criação. Ao sensibilizar o educando, é possível percebê-lo, em movimento e ação criativa, fazendo surgir a arte de alguma matéria ou objeto desprezível. Assim como dos materiais naturais, criamos a primeira Instalação, com os caixotes, a visibilidade estética se deflagrou. Arte criada com inutilidades.

Os grupos foram se unindo, se organizando, os caixotes colocados sobre as mesas, pincéis, tintas e copos com água, e todos decidiam, em grupo, os tipos de grafismos que iriam pintar sobre os caixotes. Discutiam, por exemplo, se iriam usar mais de um modelo e em que parte deveriam ser pintados. “Daí se nos apresenta outro aspecto que tanto nos fascina no mistério da criação: ao fazer, isto é, ao seguir certos rumos a fim de configurar uma matéria, o próprio homem com isso se configura”. (Ostrower, 2012, pág.51) Ainda que, ao criar as instalações, vislumbremos tão somente seu momento presente, registrou-se na memória de cada participante e de cada espectador, a lembrança. O registro fotográfico guardou para algum tempo mais longo, a visibilidade estética. Na memória de cada um o arrefecimento se fará mais pálido com o tempo corrente, que pode ser qualificado também como um tipo de expressividade humana. Até hoje, sempre tem alguém comentando sobre “as instalações”.

3.2 Dando forma à criação: das instalações aos livros de artista

Ao resignificar, múltiplos foram os olhares e variada a bagagem. Formamos grupos e cada um discutiu formas e quais daqueles materiais naturais dariam melhor resultado e comporiam uma estética mais aproximada da estética de Krajcberg.

Figura 4 – 1ª parte da Instalação



Fonte: Helem Mendes – arquivo pessoal

Figura 5 – 2ª parte da Instalação



Fonte: Helem Mendes - arquivo pessoal

Figura 6 – 3ª parte da Instalação



Fonte: Arquivo pessoal - Helem Mendes

Figura 7 – A instalação Arfogoterragua:vida / 7ºano



Fonte: Arquivo pessoal – Helem Mendes 2011/12

Após sua montagem no pátio, a instalação foi cercada para visitação, evitando ser tocada. Porém, observando que alguns galhos iriam sobrar, e percebendo que um aluno pintava um deles, estimei a criação de uma obra interativa, explicando aos mesmos, o que seria esta obra interativa. A mesma foi montada ao lado da instalação, onde se escreveu “obra interativa”. Assim, ao interagir, a cada momento podia se perceber que estava com uma forma diferente.

Na segunda Instalação também foi proposta uma interação com os bonecos-índios, em que os apreciadores podiam mudá-los de lugar, ou melhor, de caixote, ou mesmo colocá-los na árvore rodeada pelos caixotes.

Desta vez, caixotes e bonecos caracterizados de índios, foram criações a partir do conteúdo “Arte indígena e sua importância na formação cultural brasileira”. Nos caixotes pintados de preto, pelos alunos, viam-se os grafismos como representação identitária destes povos, e os caixotes vermelhos, pintados por mim, traziam o nome de povos extintos. Após a pintura dos caixotes levei-os para a escola, e ia explicando um pouco sobre estes povos, a razão da escolha da cor vermelha, sua relação com o sangue, a extinção. A cor como elemento visual que comunica e faz fluir a estética. Sensação e memória. Passado e presente se intercambiando na fruição, na apreciação desta Instalação.

Após todos os objetos prontos, decidimos que forma teria e que espaço seria o ideal para montagem da instalação. A primeira relação que pensaram foi do índio com a natureza. Não quis interceder, fora escolhida uma pequena árvore que passou naquele momento, a ser parte da obra. Optamos pela circularidade como forma para arranjar os caixotes. O círculo como símbolo de igualdade de saberes. Duas instalações, enquanto formas expressivas, coletivamente criadas. Muitas fotos para registraram o que seria momentâneo e passageiro, mas certamente guardado.

Figura 8 - Instalação Sempreviva: memória - 7º ano



Fonte: Helem Mendes – arquivo pessoal 2012

Em outra turma os desenhos tiveram papel de destaque, e por isso seria importante preservar. Preservá-los, passado/presente/futuro, para a fruição, ainda que fora de um espaço oficial, será mesmo necessário que a obra seja abençoada por algum dito, espaço oficial?

Figura 9 – Livro de Artista(s): Criação livre com elementos da estética indígena



Fonte: Helem Mendes – arquivo pessoal 2011/12

Lá estava a obra, pronta e exposta! Ficara na biblioteca em lugar especial, destacada. A obra é um “Livro de Artista(s)”, todos se empenharam, o ato de selecionar, conflitante. Como eliminar? Quais critérios seguir? Há critérios? Recorrendo aos alunos, foi possível exercitar, mais uma vez, o olhar, a percepção, buscando, nas divergentes opiniões, o que de mais expressivo, do ponto de vista do traço, do tratamento de cor, entre outros, pudéssemos guardar, preservar.

Considerações Finais

Criatividade, expressão e preservação são elementos exponenciais ao tratarmos do ensino/aprendizagem em Artes Visuais em contextos educacionais públicos. Tanto na criação, não só estética e artisticamente, mas também estruturalmente.

Por fim, conclui-se que desafios como a falta de materiais, a ausência de estrutura física (salas de arte, lugares para guardar os trabalhos dos alunos), dentre outros, devem ser emergencialmente superados. Além disso, foi constatada a deficiência de planejamento e soluções para que seja resguardado e de alguma forma, bem aproveitado, os desenhos de boa qualidade produzidos no ensino público. Ou seja, o processo de aprendizado estético/artístico necessita ser despertado para o que Herbert Read, denominou “sensibilidade estética”.

Faz-se necessário pensar a cada instante, desde o material, com as dificuldades de obtê-los, passando pela “limitação”, se podemos tratar assim, de compreensão das propostas dadas, no caso dos educandos, e, por parte de colegas e funcionários, no que se refere ao respeito aos materiais (sejam sucatas, argilas, caixas de papelão ou caixotes) que a seus olhos não passam de lixo. Armazenar tais materiais é tão desafiador quanto guardar trabalhos iniciados para término futuro, quando lidamos com um público muito incipiente, quase neutro no tocante ao que seja Arte ou mesmo expressão estética, se podemos simplificar, e por outro lado, uma total falta de espaços, nos quais se possa ter exclusividade de uso, tão somente educando e professor.

Assim, o desafio torna-se ainda maior posto que é preciso educar, artisticamente falando, toda uma comunidade escolar, desafio este que coloca o ensino de arte como disciplina exclusiva em que o professor, necessita sensibilizar a todos. Para tanto, suplantados todos os desafios, a obra, resultado final das experimentações, é o que irá validar aos olhos de todos na escola o processo desempenhado pelo educando.

Expor a obra, neste caso as instalações e torná-las interativas, foi uma maneira de proporcionar a todos um processo de fruição: tocar, tentar, interagir e até divertir-se. Foi uma experiência primeira para quase todos, senão todos, daquela escola que, ainda assim, seguiam colocando em questão a veracidade “daquilo”, como sendo “Arte”.

Para o olhar leigo, então, pensemos uma efusão de estranhezas, quando para os

educandos, ao serem indagados sobre o que é arte, temos imediatamente como resposta, o desenho e a pintura, ou simplesmente “quadro”, como diz a maioria.

Ainda assim, em meio a tantos desafios, são estes motivos que nos permitem revirar as ideias pelo avesso, no objetivo de atingir o educando, tocá-lo, sensibilizá-lo, estimulá-lo, fazer acreditar como ser capaz de sentir-se imagetivamente expressivo.

Sendo esparsos tais momentos de trocas de possibilidades expressivas é que se propõe guardar em livros a energia, o gesto, a decisão que brota de cada um e, vez ou outra se torna possível a exposição dos mesmos, para fruição da comunidade escolar.

Este ano, por exemplo, voltei a dar aulas a turma que desenvolveu no sexto ano o Livro-imagens: figurativo e abstrato. Vou levar até eles para que possamos, a partir dele, propor outras possibilidades de criação. Posso imaginar as variadas reações, quando agora adolescentes, olharem seus desenhos “infantis”. E penso como isso servirá de referencial para um desdobramento deste processo, ao relacionar esta possibilidade com o que escreve Maria Carpi em seu livro *Vidências*: “A árvore me provou e disse: Ainda não estás madura. Ainda não te nasceram os olhos”. (Carpi *apud* Pillar, 1999, p.7).

Certamente, para um processo infanto juvenil, haverá outro olhar ao observar este momento passado, em que os olhos seguem o percurso de um nascimento, e perseguem imagens, massivamente ofertadas, buscando o caminho do amadurecer.

Quem sabe, outro livro surgirá para preservar, um segundo compasso desta tessitura imagética, talvez outra instalação, propondo uma fruição interativa com a comunidade escolar. O que há de certeza neste percurso do ensino/aprendizagem em Artes Visuais no contexto educacional público, é que, ainda por muito tempo serão persistentes os desafios. E mais criativos seremos nós educadores e educandos, propondo por nossos meios expressivos, superar desafios, coletivizando possibilidades estéticas, preservando imagens, gestos e momentos, seja em objetos ou fotografias, que irão propiciar fruições, que gerarão nasceres de novos olhos.

Referências

ARNHEIM, Rudolf. Arte & Percepção Visual, Uma Psicologia da Visão Criadora. São Paulo: Pioneira Editora, 1973.

BARBOSA, Ana Mae. (org.) Inquietações e mudanças no ensino da Arte. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

CÍCERO, Antônio. Guardar- poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; Fusari, Maria F. de. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

_____. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e memória. (Trad. Bernardo Leitão). Campinas: UNICAMP, 1990.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1997.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

READ, Herbert. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.